

EDITORIAL

Desde criança aprendi que a Matemática ensinada no espaço escolar era muito importante e necessária para o desenvolvimento pessoal, intelectual. Ela contribuía para a compreensão do que acontecia ao nosso redor. Entretanto não foi isto que verifiquei na minha vida. A Matemática escolar serviu para emborrecer, pois se limitou aos algoritmos e no século XXI as máquinas já os resolvem senão todos, quase todos. Parece-me que os conteúdos são os mesmos sugeridos no século XX e com as novas tecnologias o mundo avançou assustadoramente.

Será que os professores/educadores têm medo do novo e por isto só ensinam o que aprenderam? Será que os conteúdos são pré-estabelecidos por quem nos domina? Será que o problema está no conteúdo ou na falta de contextualização deste conteúdo? Nesta contextualização lembramos de verificar a cultura, o meio social, a política que o aprendiz está inserido, a economia, entre outros?

Por exemplo, levantamos possibilidades que aguçam a atenção do aprendiz? Algoritmos só se aprende para passar de ano e depois... as tecnologias resolvem. Alguma vez um professor/educador colocou para o aluno que existe uma roda que não é circunferência? Que existe uma bandeira que fala sobre a vida e ela é quadrada em vez das tradicionais retangulares e internamente tem quarenta e nove quadradinhos e ela é utilizada nas passeatas dos movimentos de reivindicação de direitos pessoais e coletivos do país?

Que a simetria faz parte da maioria das representações e simbologias do mundo simbólico dos indígenas? Que existem algoritmos tanto da operação divisão como da multiplicação que um povo, devido a sua cultura e a sua língua não compreendem o que um ou outro faz? Quanto às medidas, como são elas em cada cultura? Porque se deu a revolta dos quebra quilos?

E assim podemos prosseguir com inúmeros exemplos. E pergunto: sugerir o uso do celular e da internet nestas buscas ajudariam? Onde a pobreza não permite ter internet ou celular, poderia o educador aprender para utilizar na sala de aula? Poderia o educador pensar como seria a educação matemática em outras culturas, como por exemplo, na afro e na cigana?

Foram com estes questionamentos e com esta experiência que desenvolvi minhas aulas de Prática de Ensino de Matemática. Mas para que isto acontecesse amparei-me na teoria desenvolvida pela Etnomatemática, onde compreendemos que não tem uma única Matemática, a do invasor, a da classe dominante que a utiliza para selecionar não os

inteligentes, mas os que sabem repetir melhor o discurso do dominador. E estes repetidores sempre afirmando que ela é uma ciência exata (isto no século XXI!!!!).

O argumento que os ensinadores da Matemática escolar apontam é que em um concurso quem trabalhou com a Matemática da cultura e com a abertura do olhar para outros povos e outras situações da sociedade não tem chance de passar em concurso. Contudo, utilizei desta prática não recomendável e eis que verifiquei a inverdade desse argumento tão aparentemente convincente.

Nestes anos todos de magistério (quase cinco décadas), de estudo, de extensão e pesquisa, compreendi que o espaço escolar é ótimo para haver encontro de pessoas que informam e recebem informação; que levantam dúvidas e juntos buscam soluções. Que o espaço escolar não deveria ser utilizado para repetir e repetir sempre as mesmas coisas; isto emburrece o professor e, conseqüentemente o cansa, e seu cansaço se reflete no aprendizado da vida dos alunos.

E, quando adentramos em outras culturas e o educador matemático sabe relacionar o conteúdo matemático com o sociocultural do aprendiz, algo entusiasmante surge para o professor e também para os alunos. Acredito que esta tarefa não é fácil para o educador matemático no seu início de aplicação no espaço escolar, porém torna leve a arte de educar.

Paulo Freire nos ensinou que a verdadeira educação é um diálogo e não um monólogo. No diálogo, todos contribuem no aprendizado enquanto no monólogo somente um lado fala, somente um lado sabe. Na Educação Matemática não é diferente. O educador matemático dialogando construirá conhecimento junto com seus aprendizes.

Pedro Paulo Scandiuzzi
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

A escolha da **Educação Matemática** como tema para os artigos que compõem esse dossiê foi muito oportuna, dada a sua importância enquanto campo acadêmico e profissional. Mas, podemos indagar: O que vem a ser a Educação Matemática? Sabemos que não existe uma definição propriamente dita, devido a sua amplitude em diversos campos, o que faz com que ela seja complexa.

Muitas vezes, a Educação Matemática é confundida com o Ensino da Matemática. O Ensino da Matemática tem, em seu escopo, a eficiência em transmitir conteúdos da disciplina, já a Educação Matemática é mais abrangente.

Segundo Bicudo (1991, p. 33), “o conceito de educação implica um estudo, o mais completo possível, do significado de Homem e de sociedade”. Desse modo, para o autor, a Educação Matemática precisa refletir e responder ao seguinte questionamento: Em que medida pode a Matemática concorrer para que o Homem e a sociedade satisfaçam o seu destino?

Nesse sentido, Borba e Santos (2005) apresentam a Educação Matemática como uma região de inquérito entre duas grandes áreas, a Educação e a Matemática, que se justapõem, e entre outras áreas de conhecimento, pois traz, em seu bojo, também questões filosóficas, sociais, culturais e históricas. Sendo assim, corroboramos com Fiorentini (1994, p. 7) ao caracterizar a Educação Matemática

[...] como área de saber que procura de modo sistemático e consistente investigar problemas ou responder indagações relativas ao ensino e à aprendizagem da matemática, bem como, à formação de professores, ao contexto escolar, cultural e sociopolítico em que ocorre a prática pedagógica. Além disso, conceberemos a Educação Matemática como uma área multifacetada e multidimensional que envolve não apenas a dimensão didático-metodológica, mas também, outras de caráter epistemológico, histórico-filosófico, sociológico, psicológico e axiológico-praxeológico pertinentes à Matemática e à Educação.

Sintetizando, podemos afirmar que a Educação Matemática é uma prática educativa inserida numa prática social mais ampla, que atende a determinadas finalidades humanas e aspirações sociais concretas.

Os pesquisadores da Educação Matemática mostram diferentes abordagens quando tratam das Tendências em Educação Matemática, tais como: a Etnomatemática, a Modelagem Matemática, a Resolução de Problemas, as Tecnologias Digitais, dentre outras. Nesse sentido, a Educação Matemática, bem como as suas tendências metodológicas, está em constante movimento.

Recomendo a leitura deste volume, pois aponta caminhos para futuras pesquisas na área, vindo daí a importância da publicação deste dossiê, visto que oportuniza à comunidade em geral conhecer as questões relativas à Educação Matemática, conforme descritas anteriormente.

Agradeço ao professor Admur e a professora Wanderleya pelo convite e por incluírem-me como participante neste trabalho. Boa leitura!

Patrícia Sandalo Pereira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

